

# RELENDO “LITERATURA E SUBDESENVOLVIMENTO”

GABRIEL DOS SANTOS LIMA

**RESUMO:** Este artigo se vincula à pesquisa de doutorado em andamento, a qual se propõe a reler o texto “Literatura e Subdesenvolvimento” (1970), de Antonio Candido. Para tal, dedica-se a reconstruir o argumento central do mesmo, segundo o qual o romance latino-americano dos anos 1960 seria um ponto culminante da formação literária no continente, isto é, um ponto de síntese entre matéria social local e técnicas artísticas cosmopolitas, cristalizado em uma literatura universalmente significativa. Desse modo, procura-se demonstrar como tal concepção na obra de Candido se associa a uma expectativa em relação à formação nacional dos países periféricos, no quadro de um almejado avanço socioeconômico. Considerando a hipótese de que o processo formativo na América Latina não foi concluído, entendemos a obra dos autores estudados pelo crítico não na chave da síntese entre o particular e o universal, mas na chave da dissonância formal, da integração ao mercado globalizado e do diagnóstico da dependência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antonio Candido; literatura latino-americana; Literatura e desenvolvimento.

Este artigo se propôs a reler o ensaio “Literatura e Subdesenvolvimento”, publicado por Antonio Candido no ano de 1970. Para tal, buscou realizar três movimentos: 1) descrever resumidamente a sua contribuição à crítica; 2) situar o texto em seu respectivo contexto histórico-literário; e 3) discutir brevemente sua atualidade. Concordando com a ideia de Roberto Schwarz em sua fala na ocasião

do falecimento de Antonio Candido em 2017, na qual “Literatura e Subdesenvolvimento” seria “um texto para ler e reler” (SCHWARZ, 2018, p. 74), buscou-se levantar questões que sejam relevantes à crítica hoje, a partir da reinterpretação do texto.

Em se tratando de um texto escrito na segunda metade do século, “Literatura e Subdesenvolvimento” é posterior à publicação da obra candidiana máxima, *A Formação da Literatura Brasileira*, de 1949. Em todo caso, vale recordar um aspecto desta obra que perpassa toda a reflexão de Candido acerca da produção literária do Brasil, também fundamental nas suas reflexões ulteriores. Trata-se do projeto de estudar a formação cultural do país como “síntese de tendências particularistas e universalistas” (CANDIDO, 2013, p. 25). Como se sabe, tal intenção se encontra já expresso nas primeiras páginas de *A Formação* (1949) e dá a tônica na análise de todos os “momentos decisivos” (CANDIDO, 2013), desde a versificação da paisagem mineira com métrica e espírito árcades nos poetas inconfidentes, até o romantismo indianista na lírica de Gonçalves Dias ou no romance alencariano.

Cabe também recordar que, para Candido, um requisito básico para o funcionamento de uma tal literatura formada com características locais e universais, seria a existência de um “sistema literário”, o conhecido pressuposto sociológico de uma tríade escritor-obra-público, no qual a poesia e a prosa pudessem circular, constituindo um complexo cultural mais ou menos estável. Daí em *A Formação*, o crítico dedicar páginas ao surgimento das primeiras academias e grêmios, à criação das primeiras Escolas Superiores no período joanino e à (incipiente) massificação do ensino no Segundo Reinado.

Em “Literatura e Subdesenvolvimento”, a noção de uma oscilação literária entre o telúrico e o cosmopolita, operando sociologicamente, reaparece. Agora, porém, em outra chave, sobretudo porque visa objetos de estudo diferentes. Dessa vez, de maneira bastante panorâmica e ensaística, em detrimento das leituras cerradas, mas sem prejuízo da agudeza crítica, Candido amplia seu olhar para todo o continente latino-americano. No mesmo sentido, estende seu alcance temporal para discutir objetos cronologicamente tão distintos quanto a poesia dos românticos, o romance machadiano, os contos de Jorge Luis Borges, a *novela de la tierra*, o regionalismo brasileiro e, por fim, o interesse principal do ensaio, o romance latino-americano dos anos 1950 e 1960.

Fundamentalmente, poderia-se dizer que a prosa de “Literatura e Subdesenvolvimento” avança do século XIX ao XX analisando as obras à luz do problema do particular-universal. Assim, primeiramente, observa o ufanismo do romantismo brasileiro na descrição do território, que revelaria uma “noção de país novo” (CANDIDO, 2011, p. 169), isto é, uma ânsia por estilizar nossas paisagens, com uso do sentimento romântico importado, mediante exuberâncias adjetivas no tocante à fauna e à flora. Candido não deplora essa tendência, mas enfatiza seu localismo.

Em seguida, o crítico elogia a busca de Machado de Assis e Jorge Luis Borges por formas mais elaboradas, em detrimento da cor local. Para o crítico, Borges seria mesmo o primeiro caso de autor periférico a influenciar os escritores dos países europeus dos quais os moldes literários costumavam ser trazidos. Segundo Candido, o autor argentino “representa o primeiro caso de incontestável influência original, exercida de maneira ampla e reconhecida sobre os países-fonte, através de um modo novo de conceber a escrita” (CANDIDO, 2011, p. 185). Em seguida, acrescenta:

Machado de Assis, cuja originalidade não é menor sob este aspecto, e muito maior como visão do homem, poderia ter aberto rumos novos no fim do século XIX para os países-fontes. Mas perdeu-se na areia de uma língua desconhecida, num país então completamente sem importância (CANDIDO, 2011, p. 185).

Aqui, o crítico se refere especificamente à meta-narrativa em abismo de Borges e ao narrador “elíptico”, “fragmentário” (CANDIDO, 2011, p. 22) de Machado, cujo caráter inusitado já apontara no texto “Esquema Machado de Assis”, de 1968. As prosas borgiana e machadiana seriam novos momentos-chave da formação literária. Simultaneamente locais e universais, poderiam até mesmo exercer papéis revolucionários no concerto internacional das formas.

De modo bastante entusiasmado, Candido aponta ainda o desenvolvimento dessa tendência na narrativa latino-americana dos anos 1960. Seu exemplo modelar é o romance *La Ciudad y los Perros*, de Mario Vargas Llosa, com seu narrador em primeira pessoa cuja identidade no enredo é oculta até os últimos capítulos, nos quais a revelação dá nova perspectiva a toda a trama. Nas palavras de Candido,

Esta técnica parece uma concretização da imagem que Proust usa para sugerir a sua [...]; mas significa algo muito diverso, num plano diverso de realidade. Aí, o romancista do país subdesenvolvido recebeu ingredientes que lhe vêm por empréstimo cultural dos países de que costumamos receber as fórmulas literárias. Mas ajustou-as em profundidade ao seu desígnio, para representar problemas do seu próprio país, compondo uma fórmula peculiar: Não há imitação nem reprodução mecânica. Há participação nos recursos que se tornaram bem comum através do estado de dependência, contribuindo para fazer deste uma *interdependência* (CANDIDO, 2011, p. 187).

Assim, por um lado, o olhar de Candido recai sobre o grau de tecnificação literária, considerando a narrativa em seu sentido imanente e dando significado político à análise formal. Moderna e original, a obra de Vargas Llosa seria um novo estágio em um almejado processo de emancipação da cultura, na medida em que superaria a dependência estética. Por outro lado, em se tratando do século XX, Candido não deixa de apontar a existência de outras vertentes latino-americanas, tecnicamente menos universais e mais preocupadas com o aspecto representacional da vida no continente, tal como o caso do regionalismo. Vale notar que, nesse âmbito, a posição do crítico repele dualismos simplistas. Embora negue valor à *novela de la tierra*, depreciando o centaurismo de seus vaqueiros e *gauchos*, Candido valoriza escritores localistas mais sóbrios. Diz, por exemplo, que a obra de Graciliano Ramos abandona o “encanto pitoresco” e o “cavalheirismo ornamental”; e classifica *Vidas Secas* como um romance de “alta expressão” (CANDIDO, 2011, pp. 171-172), fazendo juízo similar das obras do regionalismo de 1930 como um todo. Para o crítico, da “consciência de país novo” que marcava nosso romantismo, essa narrativa operaria a passagem ao conceito de “consciência do subdesenvolvimento” (CANDIDO, 2011, p. 169), denunciando nossa “miséria pasmosa” e nossa “incultura paralisante” (CANDIDO, 2011, p. 171).

Desse modo, enxergando valor em duas vertentes romanescas bastante diversas, Candido apontaria ainda um caminho de síntese das mesmas. Tratar-se-ia do “super-regionalismo” (CANDIDO, 2011, p. 195). Para o crítico,

A realidade econômica do subdesenvolvimento mantém a dimensão regional como objeto vivo, a despeito da dimensão urbana ser cada vez mais atuante. Basta lembrar que alguns dentre os melhores encontram nela substância para livros universalmente significativos, como José María Arguedas, Gabriel García Márquez, Augusto Roa Bastos, João Guimarães Rosa. (CANDIDO, 2011, p. 192)

Na dialética do particular-universal, pensava Candido, tais autores se localizariam em pontos culminantes, na medida em que equilibrariam a “alta consciência técnica” (CANDIDO, 2011, p. 191) e uma “consciência dilacerada do subdesenvolvimento”, que “opera uma explosão do tipo de naturalismo que se baseia na referência a uma visão empírica do mundo” (CANDIDO, 2011, p. 195). Aqui, a referência óbvia é aos indiretos-livres, monólogos, fluxos de consciência e visões simultâneas dos escritores mencionados. Com tais técnicas avançadas, o ângulo crítico do regionalismo *tout court*, que observava o atraso desde um ponto de vista externo, adquiriria dimensão psicológica e mais profunda.

Essa posição crítica de Candido, à altura da publicação de “Literatura e Subdesenvolvimento”, representava uma verdadeira lufada de ar fresco para a intelectualidade. À época, o que caracterizava o debate latino-americano era, ainda, a polêmica bizantina entre modernismo e arte engajada que preocupara a Europa na primeira metade do século. A propósito, vide os críticos que Candido menciona em seu ensaio: por um lado, o venezuelano Manuel Pedro González, que se opunha às “técnicas marginais e às piruetas de estilo e pontuação que Paris e Nova York exportam” (GONZÁLEZ, 1967, p. 36); por outro lado, o uruguaio Rodríguez Monegal, cuja publicação *Mundo Nuevo* defendia a arte abstrata contra o engajamento. Nesse universo crítico bipolar, característico da situação periférica em meio à Guerra Fria, Candido teve o mérito indubitável de oferecer uma saída inteligente, nem xenófoba, nem aculturada.

Contudo, do ponto de vista do projeto formativo, a aparente conquista estética não lhe bastava. Como na *Formação da Literatura Brasileira*, Candido se preocupava em dar lastro material a esse progresso da cultura, procurando modos de reforçar um sistema literário continental no qual a literatura pudesse circular e adquirir organicidade. O desafio, então, era ainda maior, dado o que o crítico percebia como o nascimento de uma indústria cultural local, com o avanço “do rádio, da televisão, da história em quadrinhos” (CANDIDO, 2011, p. 174).

Dada a tendência homogeneizadora da comunicação de massa, e considerado o monopólio destes pelos países desenvolvidos que detinham seu *know-how*, Candido temia pela manipulação das sociedades periféricas no sentido de interesses imperialistas, o que operaria uma passagem latino-americana da “segregação aristocrática da era das oligarquias para a manipulação dirigida das massas, na era da propaganda e do imperialismo total” (CANDIDO, 2011, p. 176).

Daí que o crítico enfatizasse também a necessidade de uma constante luta política e pedagógica, com vistas a fazer frente a essa ameaça. É característica sua denúncia das nossas “políticas educacionais ineptas ou criminosamente desinteressadas” (CANDIDO, 2011, p. 172) como óbices à criação de uma verdadeira cultura literária. Desse modo, seria preciso empreender urgentemente um esforço no sentido do avanço material e cultural, a fim de acompanhar e sustentar o melhoramento literário que parecia já acontecer. Aqui, dialeticamente, a própria literatura, com sua “consciência do subdesenvolvimento”, poderia mesmo cumprir um papel de relevo, denunciando o atraso e pressionando no sentido do progresso que, por sua vez, impulsionaria o avanço literário e assim por diante.

Na pesquisa de doutorado à qual este artigo se vincula, tenho chamado essa formulação de “estratégia ambivalente”, um esquema que buscava atuar na arena socioeconômica e literária de maneira simultânea. No entanto, faz-se ainda necessário descrever brevemente o contexto que favoreceu sua elaboração.

Como se sabe, a década de 1960 foi o período dourado do desenvolvimentismo na América Latina. Tal ideologia encontrara ventos favoráveis nas políticas modernizadoras dos governos do Partido Revolucionário Institucional no México, de Perón e Frondizi na Argentina e de Vargas e Kubitschek no Brasil. Amparados em alianças de classes, os populismos locais eram ainda alimentados pelas diretrizes da famosa Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, a CEPAL, *think thank* da Organização das Nações Unidas dirigido pelo argentino Raúl Prebisch, que preconizava políticas industrializantes, tendo como objetivo reduzir a dependência econômica da periferia capitalista em relação aos países do centro.

Em “Literatura e Subdesenvolvimento”, Candido demonstra entusiasmo com esse cenário, referindo-se a uma “tomada de consciência dos economistas e políticos” (CANDIDO, 2011, p. 172) e enxergando na “ideia de subdesenvolvimento uma força propulsora, que dá novo cunho ao tradicional empenho político

dos nossos intelectuais” (CANDIDO, 2011, p. 171). O impulso desenvolvimentista lhe convidava, então, a buscar soluções ousadas para o progresso material e cultural do continente como um todo.

A óbvia pedra no meio desse caminho eram as Ditaduras Militares, que àquela altura, já se haviam estabelecido no Brasil, na Argentina, no Peru e na Guatemala. Candido, claro, demonstrava bastante consciência do problema ao afirmar que éramos “um continente sob intervenção” (CANDIDO, 2011, p. 176). Por isso, inclusive, não descartava a necessidade de soluções radicais. Seu elogio de Cuba como “admirável vanguarda da América na luta contra o subdesenvolvimento e seus fatores” (CANDIDO, 2011, p. 188) revelava tanto voluntarismo quanto coragem em um momento em que o AI-5 já operava, e a luta armada brasileira dava seus primeiros passos.

Em todo caso, os próximos capítulos dessa narrativa são bastante conhecidos. As vias radicais da esquerda foram fechadas à sangue. Nem a emancipação continental, nem o progresso material ou cultural aconteceram. Na ressaca do desenvolvimento híbrido dos anos Geisel, que aumentara a desigualdade e a dependência ao invés de diminuí-las, Roberto Schwarz, em um texto de 1986, se perguntava “como seria a cultura popular se fosse possível preservá-la do comércio e, sobretudo, da comunicação de massa? O que seria uma economia nacional sem mistura?” (SCHWARZ, 2012, p. 32). O próprio crítico responde: “De 64 para cá, a internacionalização do capital, a mercantilização das relações sociais e a presença da mídia avançaram tanto que estas questões perderam a verossimilhança” (Idem).

A modo de conclusão, refletimos sobre a atualidade de “Literatura e Subdesenvolvimento”: sua aposta na formação continental a espelhar a formação literária foi desqualificada pelo rumo dos acontecimentos, os juízos de valor a respeito dos romances de seu tempo permanecem atuais? A resposta é complexa. Se entendermos que o texto sugere uma teleologia latino-americana do domínio técnico, certamente não. Muitos dos juízos positivos de Candido sobre a narrativa dos anos 1960, de fato, repousam sobre a originalidade de determinados expedientes modernistas, como o monólogo de Riobaldo no *Grande Sertão* ou as obras abertas de Julio Cortázar. É fato que romances como os de Roa Bastos e Vargas

Llosa propõem formas análogas. Todavia, a ideia de uma América Latina literariamente emancipada da Europa soa algo anódina após fracassado o projeto de libertação econômica que lhe daria chão.

Do mesmo modo, podemos questionar o quanto determinados romances discutidos por Candido lograram, de fato, abandonar o pitoresquismo. Se observadas as cifras comerciais alcançadas por alguns deles no quadro do chamado “boom literário” dos anos 1960, devemos mesmo nos perguntar se determinadas apostas no localismo, ou no chamado “realismo mágico”, não correspondem aos anseios literários exotistas da indústria editorial mundializada. Este parece ser mais claramente o caso de algumas obras elogiadas em “Literatura e Subdesenvolvimento”, como as de Alejo Carpentier e García Márquez. Entretanto, seria possível reler alguns desses romances à luz das promessas desenvolvimentistas que não se cumpriram, o que busco fazer em minha pesquisa.

Para isso, a ideia candidiana de uma “consciência dilacerada do subdesenvolvimento” permanece, sem dúvida, bastante atual, pois parece registrar justamente aquilo que seria a América Latina, caso o projeto emancipatório da formação fosse obstruído. Nota-se nas leituras que essa consciência está presente nas inúmeras narrativas do fracasso modernizador. Por exemplo, na economia agrícola de enclave em *Cien Años de Soledad*, de García Márquez; na “novela de ditador” *El Yo Supremo*, de Roa Bastos; na exploração crua do povo indígena em Arguedas e no mundo-jagunço do *Grande Sertão*. Com ou sem as técnicas da última hora – isso agora é o de menos – tais obras parecem registrar o que o desenvolvimentismo não havia ainda cumprido e não cumpriu até o presente.

A isso concorre também a forma de muitos desses romances, cujo tempo circular parece sugerir a incapacidade de se chegar ao futuro. Essa narrativa anti-teleológica, que José Antonio Pasta chamou de uma “constante estrutural” (PASTA JR., 2011) do romance brasileiro, parece também estar presente em diversas obras analisadas por Candido.

É nesse sentido que “Literatura e Subdesenvolvimento” se mostra ainda bastante atual, apesar de seu acento “de época”, ou melhor, de sua fidelidade ao momento histórico: não como promessa de futuro, mas como antecipador de uma leitura negativa e a contrapelo de romances que talvez já sugerissem o que seria um eventual revés do desenvolvimentismo. Essa leitura, nos anos 1970, talvez ainda encontrasse entraves. Hoje, à luz do processo histórico, já se pode fazê-la.

## REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. “Esquema de Machado de Assis” (1968). In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- \_\_\_\_\_. “Literatura e Subdesenvolvimento” (1970). In: CANDIDO, Antonio. **A Educação Pela Noite**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Formação da Literatura Brasileira – Momentos Decisivos** (1959). 14ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2013.
- GONZÁLEZ, Manuel Pedro. **Reparos al Premio Romulo Gallegos**. In: Zona Franca. n. 51. Caracas: Novembro, 1967.
- PASTA JR., José Antonio. **Formação Supressiva: Constantes Estruturais do Romance Brasileiro**. Tese de Livre-Docência. Universidade de São Paulo, 2011.
- SCHWARZ, Roberto. “Nacional por Subtração” (1986). In: SCHWARZ, Roberto. **Que horas são? Ensaios. 1964-1969**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. “Antonio Candido”. In: FONSECA, Maria Augusta; SCHWARZ, Roberto (Orgs.). **Antonio Candido – 100 Anos**. São Paulo: Editora 34, 2018.